

A natureza, as canções e a alma brasileira

Nature, songs and the brazilian soul

*Durval Luiz de Faria**

Resumo

Neste ensaio apresentamos a natureza como um elemento da alma brasileira, natureza esta que aparece através de imagens. Para tanto, escolhemos trechos de canções que pudessem ilustrar aspectos de nossa identidade, como o contato com a vida natural, a espontaneidade, a alegria, mas também a saudade, a melancolia, nas dimensões solar e lunar da existência. Ressaltamos na obra de Antonio Carlos Jobim imagens da natureza que espelham os diversos momentos de sua vida e da vida nacional nos últimos cinquenta anos.

Palavras-chave: natureza; alma; canções; Jobim; Jung.

Abstract

This paper presents nature as an element of the brazilian soul, which appears through images. To this end we selected song excerpts that illustrate aspects of our identity, such as the contact with natural life, spontaneity, happiness, but also melancholy and nostalgia in the solar and lunar dimensions of existence. We highlight the images of nature in the works of Antonio Carlos Jobim which reflect different moments of his life and brazilian life over the course of the last fifty years.

Keywords: nature; soul; songs; Jobim; Jung.

O presente ensaio versa sobre um aspecto da alma brasileira que nos marca enquanto sujeitos: a natureza, a terra, e o nosso relacionamento com

* Professor Associado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, do curso de Psicologia e dos Estudos Pós Graduated em Psicologia Clínica. Analista Junguiano pela Associação junguiana do Brasil e Membro da IAAP – Zurich. dl.faria@uol.com.br

Palestra apresentada no XVI Congresso Internacional da Associação Junguiana do Brasil, no Rio de Janeiro, setembro de 2008.

ela. Aqui discorreremos sobre algo que faz parte de nossa identidade e que constitui nossa moldura natural.

Quando falamos em terra podemos discorrer sobre o meio ambiente, sobre os costumes de um povo, sobre seu modo de viver, sua cultura e também sobre sua natureza, como as florestas, rios, acidentes geográficos, etc. Neste trabalho vamos nos referir mais a esta natureza, que no entanto, está associada aos outros elementos.

Os elementos naturais da terra estão conectados, psicologicamente, aos símbolos a ela associados, de modo que não existiria uma natureza pura, mas olhada a partir da psique humana, que transforma tudo o que é vivente em imagens. Por isto o nome alma da terra, porque quando falamos sobre o mar e o rio, as montanhas e as florestas, como psicólogos, já observamos estes elementos naturais sob o prisma da alma.

Segundo Jung (2000), a alma (anima) é um arquétipo, e, portanto, é universal e se manifesta na consciência humana através de sonhos, fantasias, intuições, etc. Para este autor, determinados elementos da psique coletiva ou da alma coletiva podem ser captados pelo sujeito, e estes conteúdos podem não se referir apenas a ele enquanto indivíduo, mas a toda uma coletividade.

Em seus escritos sobre arte, Jung (1985) percebe o artista como um catalizador ou uma antena da psique coletiva, no que diz respeito à sua história, seu momento presente e também suas tendências, ou suas potências (visão prospectiva). O artista, por ter uma consciência fortemente colorida pela anima, capta, intuitivamente, os conteúdos presentes no inconsciente coletivo de um povo e opera sobre eles, transformando-os em obra de arte.

Neste ensaio pretendemos, através das canções brasileiras, sugerir como a natureza expressa nossa identidade e nossa alma. Inicialmente falaremos sobre a música e o papel das canções na nossa psique coletiva. Em seguida, apresentaremos trechos de canções em que os elementos naturais estão presentes e quais os símbolos que eles trazem. Finalmente, apresentaremos imagens da natureza na obra de Antonio Carlos Jobim e como elas acompanharam os vários momentos de sua vida e da vida brasileira dos últimos cinquenta anos.

A CANÇÃO BRASILEIRA

Segundo Luiz Tatit, (2004) a canção se firma no Brasil no século XX, por ele denominado “o século da canção” e exprime a necessidade de expressar vivências cotidianas, opiniões, sentimentos, emoções conectadas ao amor e às paixões, à crítica social, etc.

Com o advento do rádio, a partir da década de 1930 e, décadas mais tarde, da televisão, os cancionistas se firmaram definitivamente, revelando as facetas da imagem do brasileiro, como o malandro, o romântico, o embevecido, o folião, etc. Assim, a alma do brasileiro encontrou espaço nas canções para emergir para o coletivo, assim como os meios de comunicação também plasmavam uma identidade, um jeito de ser brasileiro.

As canções revelam algo que também está presente na alma do brasileiro, que é sua terra. Muitos cancionistas exaltam, de uma forma literal ou simbólica, a natureza do Brasil, nossa Grande Mãe que, desde a época do descobrimento, nos apresenta a sua pujança. Nas palavras dos compositores Jayme Redondo e Vicente Paiva em “Ave Maria”: “abençoi estas terras morenas, seus rios, seus campos, suas noites serenas, abençoi as cascatas e as borboletas que enfeitam as matas...”

Embora as canções das décadas de 1940 até 1960 expressassem a natureza de forma idealizada, e servissem também à exaltação de uma pátria grandiosa que servia aos interesses do Estado, principalmente no período Vargas (vide os sambas-exaltação), ela sempre aparece como uma moldura de nossa identidade, uma natureza grandiosa que, hoje, sabemos, face ao avanço da exploração desenfreada, se encontra ameaçada.

A título de exemplificação, escolhemos trechos de canções em que o elemento natural está presente, e que trazem um simbolismo que pertence à alma da natureza, isto é, ao aspecto psíquico vivenciado pelo homem.

Ah, e essas fontes murmurantes
Onde eu mato a minha sede
E onde a lua vem brincar
Ah, este Brasil lindo e trigueiro
É o meu Brasil brasileiro
Terra de samba e pandeiro... (Aquarela do Brasil, Ari Barroso, 1939)

Comentários: Neste trecho, o compositor apresenta uma imagem do Brasil, lindo e trigueiro, rico nas águas e nos elementos naturais, ao mesmo em que pontua a alegria e a música como constitutivos da identidade de seu povo.

Tu não te lembra da casinha pequenina
 Onde o nosso amor nasceu
 Tu não te lembra da casinha pequenina
 Onde o nosso amor nasceu
 Tinha um coqueiro do lado
 Que coitado de saudade
 Já morreu
 Tinha um coqueiro do lado
 Que coitado de saudade
 Já morreu. (Casinha pequenina, Radamés Gnattali, 1940)

Comentários: A casinha pequenina, moldura para um amor perdido, fala de outra característica da alma brasileira, a saudade, que tem sua origem na melancolia portuguesa (Lourenço, 1999). A morte do coqueiro, assim como a morte do amor aparecem como fenômenos sincronísticos, onde a perda se expressa no definhamento da árvore e na dor da alma.

Serra da Boa Esperança
 Esperança que encerra
 No coração do Brasil
 Um punhado de terra
 No coração de quem vai
 No coração de quem vem
 Serra da Boa Esperança
 Meu último bem. (Serra da boa esperança, Lamartine Babo, s/data)

Comentários: Nesta canção de Lamartine Babo, Serra da Boa Esperança, emerge o amor pela terra e também da saudade do homem que parte do local de origem, a Serra da Boa Esperança, para um outro lugar, quicá a cidade grande.

Não há ó gente ó não
 Luar como este do sertão
 Não há ó gente ó não
 Luar como este do sertão

Ai que saudade do luar da minha terra
Lá na serra prateando folhas secas pelo chão
Este luar cá da cidade tão escuro
Não tem aquela saudade do luar
Do meu sertão... (Luar do sertão, Francisco Mignone, 1931)

Comentários: De novo aqui a saudade emerge, agora pontuando uma comparação entre o luar vivido no sertão e o luar vivido na cidade. Num tempo de imigração do campo para a cidade, a saudade desponta como um elemento de conexão do passado com o presente, visto o presente como negativo e o passado como cheio de energia e vida.

Um cantinho um violão
Este amor uma canção
Pra fazer feliz a quem se ama
Muita calma pra pensar
E ter tempo prá sonhar
Da janela vejo o Corcovado
O Redentor, que lindo... (Corcovado, Antonio Carlos Jobim, 1963)

Comentários: Nesta canção de Jobim aparece a felicidade do amor coroada pela canção, pelo aconchego, e pelo elemento espiritual, na forma do Redentor. A montanha, como imagem de fundo, dá significado transcendente a este cenário.

Dia de luz festa no sol
E o barquinho a deslizar no macio azul do mar
Céu tão azul, ilhas do sul
E o barquinho coração, deslizando na canção
Tudo isto é paz, tudo isto traz
Uma calma de verão e então
O barquinho vai
A tardinha cai... (O barquinho, Roberto Menescal e Ronaldo Boscoli, 1960)

Comentários: Aqui o cenário marítimo e carioca de seus compositores fala da natureza solar do Brasil e da vida brasileira, um dos aspectos mais importantes da identidade do Brasil, a festa, o mar, o coração, o verão, que deslizam na canção.

Podemos perceber, nestes excertos de canções, como a alma, através da natureza, ou dos símbolos da natureza, vai expressando suas vivências, como o amor, a saudade, a perda, o viver pleno, a felicidade e a alegria.

UM COMPOSITOR DA NATUREZA: ANTONIO CARLOS JOBIM

Nesta última parte de nosso ensaio, queremos trazer as imagens da natureza que aparecem nas canções de um compositor particular, e que talvez tenha sido um de nossos maiores compositores, Tom Jobim

Antonio Carlos Jobim (1927-1994), nascido no Rio de Janeiro e denominado por sua irmã Helena Jobim (1996) de “um homem iluminado”, foi um amante da natureza, observador e conhecedor da mesma, desde menino, nadando na Lagoa Rodrigo de Freitas não poluída e vivendo numa cidade ainda tranqüila. Este amor à natureza o fez precursor do movimento ecológico e também, mais tarde, um lutador em prol da natureza e isto fica evidenciado em todo seu percurso musical.

Segundo Souza (2003), o eixo monumental de sua obra “é o canto de um homem em comunhão instintiva com a natureza” (p. 146), desde as toadas regionalistas do início de sua carreira, como “A chuva caiu” e “Correnteza” até as músicas que possuíam uma entoação sinfônica, como “Matita Perê”, “Borzeguim”, e “Passarim”.

Jobim cantou as estradas, a vegetação, os bichos e as águas, incorporando aquilo que ele era – um homem urbano brasileiro, numa época em que, nas cidades, a tecnologia não sufocava a natureza e talvez esta predominasse em sua paisagem.

No entanto, a natureza foi metáfora de diferentes fases de sua vida e suas canções acompanharam esta trajetória, quase em consonância também com os diversos momentos de nossa história dos últimos cinqüenta anos. Queremos aqui apontar as sincronias que aparecem entre as canções, os símbolos da natureza, o momento de vida do compositor e os momentos da vida brasileira.

Jobim, embora apareça como compositor de antes da bossa-nova, passa a ser nacional e internacionalmente conhecido a partir desta. A bossa

nova foi um movimento musical surgido na zona sul do Rio de Janeiro, numa época de muita esperança para o Brasil, quando começou a haver um desenvolvimento industrial de grande porte, graças ao presidente Juscelino Kubitchek de Oliveira. Síntese do samba, do jazz e das influências musicais clássicas mais apuradas, introduziu uma batida diferente, juntamente com uma riqueza harmônica impressionante.

Embora alguns autores apontem o caráter regional da bossa nova (Rio de Janeiro), o extrato social da qual ela foi proveniente (classe média e média alta) e sua sofisticação, ela rapidamente ganhou repercussão nacional, pois talvez correspondesse a um anseio inconsciente da modernização brasileira e da renovação da cultura.

Esta esperança de transformação de um Brasil antigo e autoritário, dominado pelas elites retrógradas, num Brasil mais aberto, livre e democrático, contaminou a juventude de então e vários segmentos da população, como estudantes, trabalhadores e as elites avançadas culturalmente. A bossa nova expressou parte desta renovação, embora muitas canções fossem consideradas “alienadas” pela esquerda mais radical de então.

Na bossa nova predominaram as canções de amor, inclusive as produzidas pela dupla Antonio Carlos Jobim-Vinicius de Moraes. E o amor quase sempre tinha como cenário as paisagens do Rio de Janeiro (como em Corcovado), o elemento solar da sexualidade e vibração do verão ou o elemento lunar do amor, como nestas duas canções (excertos):

Olha que coisa mais linda
Mais cheia de graça
É ela a menina que vem e que passa
Num doce balanço
A caminho do mar
Moça do corpo dourado
Do sol de Ipanema
O seu balanceado é mais que um poema
É a coisa mais linda
Que já vi passar... (Garota de Ipanema, A.C. Jobim e Vinicius de Moraes, 1963)

Comentários: Aqui a mulher, a garota, é vista como uma Afrodite dos trópicos, que com sua graça vai despertando a libido masculina, num cenário amoroso e solar que se apresenta.

Eu, você, nós dois
Aqui neste terraço à beira mar
E o sol já vai caindo e o seu olhar
Parece acompanhar a cor do mar

Você tem de ir embora
À tarde cai
Em cores se desfaz escureceu
O sol caiu no mar
E a primeira luz
Lá embaixo se acendeu
Você e eu (Fotografia, A. C. Jobim e Aloysio de Oliveira, 1964)

Comentários: Nesta música, a intimidade aparece em seu grau máximo, onde os amantes, juntos, se despedem depois de um encontro profundo. “Eu, você, nós dois” revela a individualidade de cada parceiro e o nós, aquilo que mais secretamente pertence aos dois. Todo este amor sendo coroado pelo mar, que é acompanhado pelos olhos da amada, pela noite e pela luz que ilumina as trevas. O ambiente do entardecer e o chegar da noite traz um ambiente de calma, reflexão e intimidade.

Após a bossa nova e com o advento do golpe militar de 1964, novos movimentos musicais emergem, como a música de protesto, onde despontam compositores que aliavam as canções às condições precárias da vida do povo (esta preocupação já aparecia antes de 1964). A bossa nova foi então muitas vezes caracterizada como alienada, música da classe dominante. Foi um momento onde o Brasil começou a entrar numa sombra que permeou todo o coletivo e isto também se refletiu na música.

Morando um pouco nos Estados Unidos da América, um pouco no Brasil, mas focado na construção internacional de sua carreira, Jobim, embora continuasse um romântico e trabalhando com temas de amor, volta-se para as questões brasileiras como um todo: a preocupação com a

natureza, o resgate de nossas tradições e mitos, a valorização do habitante natural da terra, o indígena e com o Brasil bom, como ele mesmo dizia (2003).

Quase morando nos Estado Unidos da América, de 1962 a 1968, após a explosão da bossa nova, Jobim se sentia desterrado e deslocado (Mammi, 2004).

Mammi (2004) assinala que “Sabiá” representa a “Canção do exílio” contemporânea e representa a volta de Jobim para o Brasil, um país agora desidealizado das canções “sol-sal-sul” da bossa nova. O Brasil, vivendo em plena ditadura militar, estava sob um novo manto, o da esperança que se esvaiu. Compondo com Chico Buarque, cujas letras ressaltam sua parte mais triste e sombria, Jobim ressalta a nova realidade da terra, para a qual, contudo, deseja voltar.

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar
Foi lá e é ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar uma sabiá
Cantar o meu sabiá

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Vou deitar à sombra de uma palmeira que já não há
Colher a flor que já não dá
E algum amor talvez possa espantar
As noites que eu não queria
E anunciar o dia

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Não vai ser em vão
Que fiz tantos planos de me enganar
Como fiz enganos de me encontrar
Como fiz estradas de me perder
Fiz de tudo e nada de te esquecer (A. C. Jobim, Sabiá)

Para Mammi (2004), “Sabiá” (o estranhamento), assim como “Retrato em Branco e Preto” (cansaço da repetição) e “Pois É” (canção do amor em tempos difíceis), três primeiras das canções compostas com Chico Buarque, representam o lado obscuro de Jobim e de nosso país, que precisava ser vivido ao nível individual e coletivo.

“Sabiá” sublinha a impossibilidade do retorno, já não há palmeira, a flor já não dá. Impossível voltar para os sonhos ilusórios da terra querida, das transformações utópicas e do amor idealizado. No entanto, o autor sabe, premonitoriamente que ele vai voltar, sabe que ainda vai voltar e esta volta tem que ser precedida da desilusão de que “nada será como antes”.

O período negro de sua obra esvai-se aos poucos, quando Jobim retorna paulatinamente ao Brasil e dedica-se a compor para a natureza, embora nunca deixando as canções de amor, e para a construção daquilo que é mais essencial à alma brasileira.

A partir de “Matita Perê”(1973), a temática das composições de Jobim se deslocam da cidade para os campos e para o interior, para a natureza profunda do Brasil, para o mato e as florestas; do romantismo amoroso para um romantismo mítico e histórico, onde o foco parece ser o desenho de personagens e arquétipos, para além da experiência pessoal. Estes elementos aparecem nas trilhas sonoras dos filmes “Gabriela”, (1983) adaptado do romance de Jorge Amado, “Crônica da casa assassinada” (1973), das mini-séries “O tempo e o vento” (1985), adaptação da obra homônima de Érico Veríssimo e “Anos dourados”.

Jobim também traz em sua música a visão ecológica, apresentando elementos para a reflexão sobre a questão indígena (“Borzegum”), a poluição (“Forever green”) e a valorização dos elementos da natureza (desde suas primeiras composições), como a água e a chuva (“Chovendo na roseira”), o sol (“Estrada do sol”); a lua (“Luiza”) e o mar e o céu (“Fotografia”, “Inútil paisagem”) e os rios (“Correnteza”); os pássaros (“Urubu” e “Passarim”) e os bichos, assim como o trabalho com os mitos (“O boto”, “Matita Perê”).

Escolhemos “Águas de março” como a música símbolo do novo momento de Jobim, após a saída da escuridão. Para nós, ela representa a

integração de tudo o que estava dividido: os elementos da natureza se integram às vivências humanas em antinomia, mas agora lavadas pela chuva de verão: a vida e a morte, o ser e o não ser, a marcha estradeira e o fim da canseira, uma ave no céu, uma ave no chão, etc., as várias polaridades do Self desfilando em nossa audição, na construção de uma realidade mais inteira. Aqui assinalamos alguns excertos desta canção.

É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho
É um caco de vidro, é a vida é o sol
É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol

É o mistério profundo, é o queira ou não queira

É o projeto da casa, é o corpo na cama
É o carro enguiçado, é a lama, é a lama

São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração (A. C. Jobim, *Águas de Março*, 1973)

Comentários: Em “Águas de Março” as imagens da natureza e das vivências humanas apontam para as várias polaridades da vida: O fim do caminho e a solidão versus o encontrar-se; é a noite e a morte, versus a vida e o sol, é o projeto da casa e da família versus o carro enguiçado, a lama e a sombra da mesma realidade.

“Águas de Março” parece ser, fora seus méritos musicais, o auge da admissão da vida como um mistério profundo, onde se quer e não se quer. Frente a este mistério, as águas de março, como chuva benfazeja, dissolvem esta tensão dos opostos e daí surge a esperança da vida no coração.

“Águas de março”, as chuvas que fecham o verão, parecem dissolver, numa solutio¹ curativa, aquilo que ficou dividido. Agora não se trata mais

1 A solutio é uma operação alquímica que envolve os símbolos da água, banho, afogamento e dissolução, mas também batismo e rejuvenescimento. Psicologicamente esta operação representa a descida ao inconsciente (na sua forma de água), para a dissolução das estruturas solidificadas pelo ego (Hoffmann, 2009, p. 116).

da imagem idealizada da natureza e do amor, nem da travessia escura da desilusão. A função transcendente² atua na obra de Jobim, desanuviando a noite e trazendo finalmente a esperança.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Este pequeno ensaio tentou mostrar como a natureza povoa a canção brasileira, em vários momentos e por várias décadas. Ressaltamos também, no caso de Tom Jobim, como as imagens dela vão se transformando em função de seu momento de vida e do Brasil. A natureza não em si mesma, mas como símbolo, nos traz imagens que falam de nós mesmos, de nossa constituição cultural e psíquica, de nossa consciência coletiva e das aspirações mais profundas do inconsciente do povo brasileiro.

A natureza, como nossa moldura ambiental, impregna nossa psique e contribui para a estruturação e desenvolvimento de nossa identidade. Na obra de Antonio Carlos Jobim, talvez o nosso maior compositor popular, imagens sonoras e visuais da natureza acompanham a vida de nosso país, do nosso povo e do próprio compositor: a idealização própria da juventude, a vivência de nossos momentos sombrios, que nos fazem sofrer, mas também amadurecer e, finalmente, uma visão mais realista de nós mesmos, para além dos antagonismos e das contradições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Faria, D. L. de (2003). *O pai possível – conflitos da paternidade contemporânea*. São Paulo: Educ/Fapesp
- Hoffmann, C. R. R. (2009). *Unus mundus*. São Paulo: Annablume
- Jobim, A. Jobim, A. C. (2003). *Ensaio poético Tom e Ana Jobim/ Antonio Carlos Jobim*. Rio de Janeiro: Jobim Music.
- Jobim, H. (1996). *Antonio Carlos Jobim – um homem iluminado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

2 Pela proposta junguiana, deve-se levar em conta o ponto de vista da consciência e do inconsciente. Deste diálogo, deste confronto, chega-se a um terceiro elemento que integra as polaridades – a função transcendente (Faria, 2003, p.80).

- Jung, C. G. (1985) *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes.
- (2000). *Arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes.
- Lourenço, E.. (1999) *Mitologia da saudade*. São Paulo: Companhia das letras.
- Mammi, L. (2004) Canção do exílio Sabiá In: *Três canções de Tom Jobim*. São Paulo: Cosacnaif.
- Souza, T. de. (2003) *Tem mais samba – das raízes à eletrônica*. São Paulo: Editora 34.
- Tatit, L. (2005) *O século da canção*. São Paulo: Ateliê Editorial.